

José Carlos Rodrigues, a 15 de outubro de 1890, adquiria o *Jornal do Comércio* a Julius Villeneuve e Francisco Antônio Picot. A *Gazeta de Notícias* publica as críticas e crônicas de Ramalho Ortigão e as crônicas, contos e romances de Eça de Queiroz. Nesse ano de 1890, conquista novo colaborador, já conhecido como poeta e cronista. É Olavo Bilac, que começara na *Semana* e na *Estação* e, em São Paulo, pertencera ao prestigioso *Diário Mercantil*, de Gaspar da Silva, em que ingressara apresentado por carta de Raimundo Correia, colaborando também na *Vida Semanária*, de Emiliano Perneta, revista política que manteve com a *Vida Moderna*, do Rio, por provocação de Luís Murat, e de que participara também *A Semana*, de Valentim Magalhães, revista de letras que, com interrupções, circulou entre 1885 e 1895. Voltando à Corte, em 1889, colaborara no *Novidades*, de Alcindo Guanabara, e, levado pela mão de Coelho Neto, entrara para a *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio, que, “com sua campanha generosa em favor da raça escrava, torna-se chefe da boemia turbulenta. *A Cidade do Rio* é espelho magnífico. Nem sempre pagando os ordenados, distribuindo dinheiro quando há, apenas admitindo a maior liberdade de movimentos, José do Patrocínio contorna os embaraços, estabelecendo cozinha e restaurante no jornal”(174).

Realizada a Abolição, o grande momento da carreira de Patrocínio — que mereceria morrer no 13 de Maio, segundo um comentador, para sobreviver em memória gloriosa — o jornal entrara em crise de *isabelismo*, por curioso entendimento de seu diretor quanto à gratidão política, como se a princesa tivesse libertado os escravos só por si. Foi por rebeldia ante essa atitude que Pardal Mallet e outros o abandonaram, para lançar *A Rua*, com Olavo Bilac, Luís Murat e Raul Pompéia. Tudo isso não impediu a rápida adesão de Patrocínio à República, como vereador da cidade e como jornalista: a *Cidade do Rio* tirou três edições a 15 de novembro de 1889. No ano seguinte, Bilac e Mallet estarão na *Gazeta de Notícias* que, “com a sua presença e a presença de Pardal Mallet, tornando-se mais inquieta e audaciosa, reunira outros homens de letras, constituindo-os em centro de irradiações magníficas. Machado de Assis escreve a crônica semanal, com mordacidade que as tornariam célebres, cheias de reminiscências e sátiras alegóricas. Só muitos anos depois não quis continuar a faina, cabendo a Olavo Bilac a herança”(175).

Começam escritores e jornalistas a criar a moda das viagens à Europa:

visor Romariz, quando do empastelamento, seria aproveitada, mais tarde, por Lima Barreto, no conto “A Sombra do Romariz”.

(174) Elói Pontes: op. cit., pág. 85, I.

(175) Elói Pontes: op. cit., pág. 173, I.